

Anuario de Arqueología

2017

Edición Especial



Rivero, Ariel y Leonel Cabrera Pérez (Compiladores) 2017. “**El patrimonio como transformador de los territorios**”. Recopilación de trabajos presentados al G8 de la RAM 2015. En: *Anuario de Arqueología*. (Número Extraordinario.) <http://anuarioarqueologia.fhuce.edu.uy/> Instituto de Antropología. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Universidad de la República. Uruguay.

anuariodearqueologia@gmail.com

ISSN: 1688-8774

ILUSTRACIÓN DE PORTADA: imágenes tomadas de sitios de acceso público. **Arte:** Paula Tabárez

EDITOR RESPONSABLE

Leonel Cabrera Pérez

SECRETARÍA DE EDICIÓN

Paula Tabárez

CONSEJO EDITOR

Jorge Baeza – Uruguay

Roberto Bracco – Uruguay

Leonel Cabrera – Uruguay

Carmen Curbelo – Uruguay

Antonio Lezama – Uruguay

José López Mazz – Uruguay

COMITÉ CIENTÍFICO

Tania Andrade Lima - Brasil

Martín Bueno - España.

Primitiva Bueno - España.

Felipe Criado Boado - España.

Nora Franco – Argentina.

Arno A. Kern – Brasil.

Jorge Kulemeyer –Argentina.

Daniel Loponte - Argentina

Hugo Gabriel Nami - Argentina

Fernando Oliva – Argentina

Patrick Paillet – Francia

Gustavo Politis – Argentina.

Ana María Rocchietti – Argentina.

Mónica Sans – Uruguay

Marcela Tamagnini – Argentina.

Fernanda Tocchetto - Brasil

Andrés Troncoso – Chile.

El contenido de los artículos es responsabilidad de los autores y no necesariamente refleja el criterio o la política editorial del Anuario de Arqueología. La reproducción parcial o total de esta obra puede hacerse previa aprobación del Editor y mención de la fuente.

El Anuario de Arqueología agradece el aporte de todos los autores que participan en esta edición.

INDICE

Editorial.....	pág. 8
Introducción.....	pág. 12

PATRIMONIO Y DINÁMICAS TERRITORIALES

Belli, Elena, Ricardo Slavutsky y Ariel Slavutsky

Incidencias sociales y culturales de las políticas de promoción del turismo en áreas rurales del noroeste argentino.....pág. 15

Paz, María Elisa

El Patrimonio en clave minera en Jujuy, Argentina.....pág. 35

Perilla, Mario y Diego Quintana

MOMPOX, Encrucijada entre Patrimonio de la Humanidad y territorio de los momposinos.....pág. 59

PATRIMONIO E IDENTIDAD

González, Crispina

Patrimonio indígena: construcciones identitarias y conflictos territoriales.....pág. 80

de Castro Neves Costa, Luciana y Sidney Gonçalves Vieira

A patrimonialização da paisagem e a representação do Patrimônio Cultural brasileiro.....pág. 99

Cabrera, Janeth A.

Patrimonialización y reconocimiento étnico: experiencias etnográficas entre un grupo de músicos campesinos (Patía – Cauca – Colombia).....pág.121

Enrique, Laura Aylén

Patrimonio colonial mapeado: **reminiscencias** del pasado en las planificaciones estatales argentinas de principios del siglo XXI.....pág. 147

DISCUSIONES TEÓRICAS EN TORNO AL PATRIMONIO

Acevedo, Fernando.

Patrimonialización. Consideraciones conceptuales, teóricas y políticas.....pág.171

Kulemeyer, Jorge

Disquisiciones en torno al lugar que destina la sociedad contemporánea al patrimonio.....pág. 191

EXPERIENCIAS EN TORNO AL PATRIMONIO: EDUCACIÓN Y MUSEOS

Souza de Lima, Luzicleide, Ingridy Patricy Schaefer Pererira y Tatiana Lilia do Carmo Irineu

Do centro histórico à “Feirinha de Tambaú”: o uso dos espaços públicos na cidade de João Pessoa.....pág. 207

Macía, Valeria e Iglesias Jimena

Transferencia multimedial del conocimiento académico. El caso de la educación pública en palpalá (Provincia de Jujuy) a mediados del siglo XX.....pág.215

Portela Irene C.M

Lugares de territorializações: reflexões a partir de uma construção museal.....pág. 234.

Sotelo Moira y Silvia Soler

La divulgación científica como herramienta en los procesos de patrimonialización. La experiencia de MÁS CERCA DEL CIELO.....pág. 257

Siqueira Guedes, Luciana y Claudomilson Fernandez Braga

Cuando el patrimonio no transforma: El discurso de género en la exposición Evita.....pág. 271

A PATRIMONIALIZAÇÃO DA PAISAGEM E A REPRESENTAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO

Luciana de Castro Neves Costa³¹

Sidney Gonçalves Vieira³²

Resumo

Se a concepção moderna de patrimônio cultural vincula-se ao contexto de formação dos Estados Nacionais, constituindo-se em uma representação da identidade nacional, várias foram as formas de caracterizá-lo a partir de diferentes tipologias, dentre as quais a Paisagem Cultural. No Brasil, a chancela de Paisagem Cultural Brasileira atribui valor à relação de interdependência (física e simbólica) entre sociedade e meio ambiente, vinculando-se ainda à ideia de continuidade, associada aos modos de vida dos sujeitos produtores e transformadores da paisagem. Atualmente, a única Paisagem Cultural Brasileira reconhecida é composta pelos núcleos rurais de Testo Alto (em Pomerode), e Rio da Luz (em Jaraguá do Sul), no Estado de Santa Catarina, representativos da trajetória de imigração alemã e pomerana no Brasil. Neste sentido, este trabalho visa analisar a(s) representação(ões) identitária(s) e os valores atribuídos à Paisagem Cultural da imigração consolidados nas políticas de preservação do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

Palavras-chave: Paisagem Cultural; Patrimônio Cultural; Identidade Nacional; Imigração.

Resumen

Si la concepción moderna del patrimonio cultural está vinculada al contexto de formación de los Estados Nacionales, al constituirse en una representación de la identidad nacional, varias fueron las formas de caracterizarlo a partir de diferentes tipologías, entre las cuales el paisaje cultural. En Brasil, el sello de Paisaje Cultural Brasileño asigna un valor a la relación de interdependencia (física y simbólica) entre sociedad y medio ambiente, incluso mediante la vinculación de la idea de continuidad asociada a los modos de vida de los productores y transformadores de el paisaje. En la actualidad, el único paisaje cultural brasileño reconocido

³¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, da Universidade Federal de Pelotas (Rio Grande do Sul/Brasil). E-mail: <lux.castroneves@gmail.com>Artigo encaminhado à XI Reunião de Antropologia do MERCOSUL em 30 de outubro de 2015, e reencaminhado para edição em 30 de julho de 2016Universidade Federal de Pelotas.

³² Pesquisador e Docente do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, do Curso de Graduação e Pós-Graduação em Geografia e Diretor do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas (Rio Grande do Sul/Brasil). E-mail: <sid_geo@hotmail.com>Universidade Federal de Pelotas

es compuesto por los núcleos rurales de Testo Alto (en Pomerode), y Rio da Luz (en Jaraguá do Sul), en el Estado de Santa Catarina, representativos de la trayectoria de inmigración alemana y pomerana en Brasil. En este sentido, este trabajo tiene como objetivo analizar las representaciones identitarias y los valores atribuidos al paisaje cultural de la inmigración consolidada en las políticas de preservación del IPHAN (Instituto del Patrimonio Histórico y Artístico Nacional).

Palabras clave: Paisaje Cultural; Patrimonio Cultural; Identidad Nacional; Inmigración.

Summary

If the modern understanding of cultural heritage is attached to the context of formation of National States, becoming a representation of national identity, various were the ways to characterize it according to different types, among which the Cultural Landscape. In Brazil, the certification of Brazilian Cultural Landscape attributes value to the relation of interdependence (physical and symbolic) between society and environment, been attached to the idea of continuity, related to the ways of life of the subjects that produce and transform of the landscape. Nowadays, the only recognized Brazilian Cultural Landscape is formed by the rural nucleus of Testo Alto (in Pomerode) and Rio da Luz (in Jaraguá do Sul), in the State of Santa Catarina, representatives of the trajectory of the german and pomeranian immigration in Brazil. In this sense, this article aims to analyse the identity representation (or representations) and the values attributed to the cultural landscape of immigration consolidated in the preservation policies of IPHAN (Institute of the National Historic and Artistic Heritage).

Keywords: Cultural Landscape; Cultural Heritage; National Identity; Immigration.

INTRODUÇÃO

A noção de paisagem, enquanto realidade vivida no uso e transformação das formas e em sua percepção e representação, apresenta-se como um tema interdisciplinar, podendo ser estudado em diversos vieses por diferentes áreas. Entretanto, conforme nos indica Meneses (2002), seria no campo da identidade e de processos identitários que a paisagem mais tem sido mobilizada. E, neste sentido, por sua vinculação à formação, transformação e representação identitária, a paisagem viria a ser adotada como um referente patrimonial,

passível de ativação, com suas formas naturais e artificiais criadas pela apropriação humana daquela porção espacial a sinalizar, material e simbolicamente, referências culturais de grupos e sociedades.

Se a noção moderna de patrimônio cultural, apesar dos diferentes contornos ou objetos que contemplou ao longo de sua trajetória de consolidação, está associada ao período de formação dos Estados nacionais, está associada ainda à representação da identidade nacional a partir de um discurso que visa garantir coesão e unidade à pluralidade de sujeitos que compõem a sociedade, e que viria a ser atribuído às paisagens. Em um movimento recente de democratização das políticas culturais e patrimoniais, o foco sobre a unidade nacional deu lugar à diversidade cultural como fala legítima da atualidade, de modo que novas dimensões de pertencimento que não apenas à nação foram problematizadas e introduzidas no campo do patrimônio cultural, identidades locais e singularidades que dialogam com o nacional (Chuva 2012).

Dentro deste processo, a paisagem, a partir da tipologia de Paisagem Cultural, viria a ser integrada ao conjunto de bens patrimoniais como um novo entendimento acerca dos bens que compõem o patrimônio cultural, em uma perspectiva ampla e integrada às suas populações, e aparentemente diversificando os sujeitos representados nesta tipologia. Esta apresenta como cerne conceitual a relação entre sociedade e meio ambiente, em formas específicas de interação entre as formas físicas e os significados atribuídos à determinada paisagem. Até o momento, apenas um sítio foi incluído no conjunto de bens patrimoniais sob este entendimento, envolvendo os núcleos rurais de Testo Alto e Rio da Luz (respectivamente nos municípios de Pomerode e Jaraguá do Sul), no Estado de Santa Catarina (SC), região Sul do Brasil, o que, aparentemente, ensejou um movimento de valorização da contribuição dos imigrantes à formação da nação brasileira, incluindo referências culturais de identidade alemã e pomerana dentro da narrativa construída pelo patrimônio cultural brasileiro.

Neste sentido, este trabalho visa analisar a(s) representação(ões) identitária(s) e os valores atribuídos à Paisagem Cultural da imigração consolidados na política de preservação do IPHAN.



Figura Nº1: casa em técnica enxaimel (Testo Alto)

Fonte: A autora, 2015.



Figura Nº2: criação de animais como valores exaltados na paisagem da imigração.

Fonte: A autora, 2015.

A PAISAGEM COMO REFERENTE PATRIMONIAL

A noção de paisagem surge nas Artes Plásticas, a partir da pintura, e se consolida enquanto conceito principalmente na Geografia, vindo a tornar-se, entretanto, um tema interdisciplinar dada sua multidimensionalidade. A pintura garantiu uma postura de contemplação e fruição estética da paisagem, abrindo espaço ainda para a dessacralização da natureza e sua apropriação enquanto conceito importante da Geografia e de outras áreas, vinculando as formas da paisagem às transformações do ambiente físico e da apropriação humana de determinada porção espacial (Salgueiro 2001).

No domínio vivencial, a paisagem seria não mais refletida sobre, mas vivenciada cotidianamente por grupos e sociedades que, a partir das formas encontradas no meio ambiente e sua apropriação, constroem sua dinâmica de uso da paisagem, produzindo-a, reproduzindo-a e transformando-a em caráter de processo. Ao apropriar-se física e simbolicamente da paisagem, marcas e referenciais identitários são estabelecidos pelos grupos, criando-se vínculos afetivos com as formas da paisagem, que funcionam como referências estáveis que propiciam a ideia de continuidade. A paisagem responde aos imperativos da territorialidade e do sentimento de pertença, ou seja, à necessidade de inserir a trajetória biográfica não apenas em um eixo temporal, mas também espacial, necessidade esta que atende aos requisitos de produção e reprodução material da vida, mas que vem impregnada de sentidos, valores e expectativas (Meneses 2002).

Ao ser compreendida como um “conjunto de formas que, num dado momento, expressam as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza” (Santos 2002:103), a paisagem é concebida como um palimpsesto, uma coleção de memórias de um passado, permitindo revê-lo em suas diversas etapas numa perspectiva de conjunto, de evolução histórica. A paisagem constitui-se como história materializada que participa, ao mesmo tempo, do presente, por meio das formas tidas como naturais e das formas criadas pelo ser humano (Santos 2002).

Segundo Font (2010) ao falar de paisagem, nos referimos a uma porção da superfície terrestre que foi modelada, percebida e interiorizada ao longo de décadas ou de séculos pelas sociedades que nela vivem. Por este motivo, a paisagem encarna a experiência e as aspirações das pessoas, convertendo-se em centros de significado que expressam pensamentos, ideias, valores e emoções, e, por este mesmo motivo, a paisagem não somente nos apresenta o mundo tal como ele é, mas é também a construção deste mundo, uma forma de vê-lo. Trata-se de uma construção social e cultural ancorada em um substrato material, uma realidade física e a representação que culturalmente fazemos dela (Font 2010). Nesse sentido, para Silveira (2009:16), “o humano configura – no sentido de figurar junto – à paisagem”, mesmo que a paisagem não apresente sinais de sua apropriação (física) e da presença humana.

Isto porque a natureza não pode ser vista como um dado independente da representação social. Assim, se a paisagem remete necessariamente à natureza e à representação, ambas remetem à dimensão do imaginário em função da mediação simbólica que assume a representação da natureza para diferentes grupos sociais (Castro 2002). Levando-se em conta que a paisagem é o que se vê, ela é, portanto, decorrência também do olhar que se constrói a partir da experiência cultural e da experiência individual do observador, o que leva Castro

(2002:132) a afirmar que “é a sensibilidade humana que se encontra na origem da paisagem”, sendo seu significado – como gosto ou desgosto, prazer ou desprazer – tal como percebido pelo seu observador uma consequência do processo civilizatório que define esses padrões.

A ação humana sobre determinado território e, conseqüentemente, a transformação da paisagem natural constitui assim o resultado de um processo complexo, produto do pensamento, conhecimento e valores humanos que organizam e utilizam o território de determinada maneira. A produção de um novo contexto material altera a paisagem e introduz novas funções, valores e objetos (Luchiari 2001). De acordo com o Berque (1998), a paisagem apresenta-se simultaneamente como marca e matriz. Configura-se em uma marca que o grupo imprime na superfície terrestre, e cuja grafia o reflete. Ao mesmo tempo é uma matriz porque participa dos esquemas de percepção, concepção e ação – ou seja, da cultura -, que canalizam, em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza. Ou seja, as marcas constituem matrizes, condições para a ação e transformação humana da paisagem.

Nesse sentido, o próprio termo “paisagem” assume adaptações ou reelaborações conceituais frente à multidimensionalidade de seu objeto, que a vinculam à memória e à corporificação da paisagem, como as *Memoryscapes* (Candau 2012), e as *Taskscapes* (Tilley 2006). Segundo Candau (2012), as paisagens constituem-se em lugar de memória, em referenciais estáveis percebidas como um desafio ao tempo – contribuindo assim para a vinculação identitária de um grupo. A “topofilia” da memória seria a propensão da lembrança para constituir-se espacialmente, e a preocupação com a manutenção deste lugar como elemento evocativo da memória. Nesse sentido, o autor (2012:156) destaca as *memoryscapes*, ou paisagens de memória, usando como exemplo Hiroshima, onde foram propostas intervenções em áreas da cidade que alterassem as marcas urbanas como consequência da explosão da bomba atômica, e que foram repudiadas pela população, que preferia manter as marcas do acontecimento no tecido urbano da cidade.

Já Tilley (2006:26) propõe o entendimento das *taskscapes*, a partir do estudo de Mark Edwards em Lake District, em que algumas paisagens encontram-se estreitamente vinculadas com modos de vida e de subsistência das populações. Ou seja, a produção e reprodução/transformação das paisagens algumas vezes está intimamente ligada com a vida e os valores daqueles que trabalham na e da terra, e na qual identidades são constituídas por meio de formas particulares de atividades. Do mesmo modo, no estudo de Eckert sobre a vida de uma comunidade de mineiros de carvão na França, a paisagem constituía-se em um sistema de signos em que estes mineiros (vindos de diferentes países da Europa e da África) podiam acomodar uma trajetória de lutas e de enraizamento ao lugar, mesmo que

desterritorializados de seus territórios de origem. Conforme Eckert (2009), a paisagem, nesse processo de construção de uma identidade regional, sobrepunha pertencas territoriais diversas frente a um estado de poder centralizador e reformista das lógicas econômicas do Estado-Nação francês. E relacionava-se ainda às atividades desenvolvidas e o impacto que o fechamento das minas de *La Grand Combe* causou nesse “território-paisagem” (Eckert 2009:87).

Assim, a capacidade de mobilização cognitiva, estética e afetiva da paisagem faz com que ela seja mobilizada no campo da identidade e dos processos identitários, e nas quais sempre se introduz a dimensão do poder. Nesse sentido, a paisagem

[...] serve de vetor para tornar concretos conceitos abstratos, como o jardim do Éden, as paisagens pastoris, de fuga ou alegóricas, os espaços utópicos (a terra da Cocanha); os perigos, barbárie ou degenerescência dos trópicos (tão úteis aos propósitos dos projetos coloniais) ou, ao inverso, suas maravilhas e pureza original. (Meneses 2002:40).

Dentro deste contexto, ao garantir a materialidade das manifestações culturais das sociedades em suas formas, que a paisagem viria a desempenhar importante papel não apenas na elaboração e reelaboração de identidades, mas ainda na representação de identidades, principalmente nacionais. Conforme argumenta Schama (1996:26), “a identidade nacional [...] perderia muito de seu fascínio feroz sem a mística de uma tradição paisagística particular: sua topografia mapeada, elaborada e enriquecida como terra natal”. Ainda de acordo com o autor, assim como os elementos paisagísticos podem ser utilizados para representar identidades nacionais, as paisagens podem ser conscientemente concebidas para expressar as virtudes de determinada comunidade política ou social, como o caso do Monte Rushmore, nos Estados Unidos, cuja escala do monumento teria sido crucial para o escultor para “proclamar a magnitude continental da América como baluarte da democracia” (Schama 1996:26). E se a paisagem ocupa importante lugar na formação e representação de identidades nacionais, da mesma forma ela fornece a base para as expressões de identidades regionais e locais, passando da ideia de nação como unidade harmônica, para a de sociedade, lugar de conflitos, de segmentos.

Seria a partir do caráter de herança, de história materializada entre ser humano e meio ambiente na coexistência do passado e do presente por meio das formas, que lhe conferem identidade, que a paisagem seria adotada na esfera das políticas patrimoniais nacionais e internacionais.

PATRIMÔNIO, IDENTIDADE E PODER: RELAÇÕES DIALÓGICAS NA ATIVAÇÃO PATRIMONIAL DA PAISAGEM

Se as paisagens possuem a capacidade de representar identidades a partir do uso e de sua transformação pelas sociedades, elas poderiam então ser integradas ao *corpus* patrimonial, tanto em âmbito local, quanto nacional e, inclusive, internacional, a partir da inclusão da tipologia de Paisagem Cultural na Lista do Patrimônio Mundial (ou seja, determinadas paisagens, pela importância atribuída às mesmas, pertenceriam supostamente ao domínio simbólico de toda a humanidade). Tal atribuição de valor patrimonial, entretanto, deu-se de forma gradual até culminar com este novo entendimento, considerando-se o próprio campo do patrimônio como uma construção em constante mutação.

De acordo com Prats (1998), a noção de patrimônio pode ser considerada como uma invenção e uma construção social. Trata-se de uma invenção, pois se relaciona com a capacidade de gerar discursos sobre a realidade tendo em vista adquirir status de natureza (no sentido de fato naturalizado, dado). Por sua vez, trata-se de uma construção social, relacionando-se com processos de legitimação, ou seja, de assimilação social destes discursos mis ou menos inalterados. Neste sentido, os bens que compõem o patrimônio cultural passam por processos de “ativação patrimonial”, ou seja, de valorização de determinados referentes culturais. Tal processo comporta (ou busca comportar) um discurso com aparência de “aspepsia ideológica”, cujo objetivo, negociado entre atores políticos e sociedade, é “alcançar o meio grau de consenso possível, de maneira que o discurso subjacente na ativação apareça legitimado e de acordo com a realidade socialmente percebida” (Prats 1998:20; tradução nossa).

Se os bens que compõem o que entendemos como patrimônio cultural são, de fato, construções sociais baseadas na legitimação de um discurso, os mesmos relacionam-se ao poder. Os repertórios patrimoniais são ativados (a princípio) por versões ideológicas de identidade, geralmente relacionadas às identidades políticas básicas: locais, regionais e nacionais (Prats 1998). Se a própria noção moderna de patrimônio advém da formação dos Estados nacionais e do estímulo à concepção de uma suposta comunidade imaginada, conforme Anderson, seria a partir do viés da(s) identidade(s) e suas representações que, em diferentes objetos ou formatos, uma narrativa identitária seria construída.

Se as categorias que fundamentam a constituição dos chamados patrimônios históricos e artísticos (como no caso brasileiro) passam a ser formuladas a partir do Renascimento e da autonomização das noções de arte e história, foi a ideia de nação que viria a garantir seu

estatuto ideológico, e foi o Estado nacional que veio assegurar, através de práticas específicas, sua preservação (Fonseca 2009). A nação deve ser considerada não apenas como entidade política, mas como um sistema de representação cultural que produz sentidos, como uma comunidade simbólica, constituindo-se a cultura nacional como um discurso: um modo de construir sentidos que influencia tanto nossas ações como a concepção que temos de nós mesmos (Hall 2006).

Neste sentido, conforme indica Poulot (2008), os patrimônios devem ser compreendidos como conjuntos materiais e, indissociavelmente, como saberes, valores e regimes de sentido, elaborados ao longo dos processos de formação das identidades coletivas, das comunidades, particularmente as nacionais, e, dentro desta perspectiva, passíveis de alteração de acordo com os contextos sociais e históricos. A noção de patrimônio implicaria em um conjunto de posses identificadas como transmissíveis, e a mobilização de um grupo ou sociedade capaz de reconhecê-las como propriedade, envolvendo ainda um conjunto de valores que permitem articular o legado do passado à espera do futuro, visando promover mutações e, ao mesmo tempo, afirmar uma continuidade (Poulot 2009). Tal fato dá-sepois o passado, então patrimonializado, articula valores fundamentais à nação, como identidade, continuidade e unidade (a nação apenas pode existir da união de todos os seus membros) (Poulot 2008).

A partir da materialidade e do simbolismo dos bens que conferem um *corpus* à representação de uma identidade nacional (supostamente harmônica e não conflitiva), a noção de patrimônio articula o poder por meio do jogo do que deve ser celebrado, e do que é considerado menos representativo e que, portanto, não merece tal consagração. As práticas de preservação cultural levam ao reconhecimento de marcos referenciais que conferem materialidade às representações da nação, e que são exercidas como instrumento de poder de definição destes bens simbólicos, estabelecendo-se uma relação dialética nas políticas de preservação patrimonial entre lembrar-esquecer, e de definição dos processos de inclusão-exclusão do que deve ser público e comum (Chuva 2009).

E neste processo dialético de lembrança-esquecimento, de iluminação de certos elementos da história de um país em detrimento de outros, a paisagem viria também integrar o conjunto de bens que materializam a(s) história(s) da nação (e aos quais são atribuídos determinados valores). Entretanto, segundo Tilley (2006), as políticas patrimoniais muitas vezes tendem a consolidar paisagens romantizadas, nostálgicas, de modo a preservar uma concepção de identidade romantizada, não problemática (porque não questionada, ou não sujeita a problematização dado o caráter de assepsia ideológica que se instaura por vezes no discurso patrimonial), em uma busca por preservar uma suposta pureza de grupos étnicos, e como

fator de continuidade frente às mudanças. O que se perde nesta perspectiva é a própria dinamicidade da paisagem. As paisagens constituem-se como estruturas de significado e de afetividade, funcionando como pontos de ancoragem frente à mudança, uma vez que a identidade (ou as identidades, uma vez que esta noção é plural e mutável) é lugarizada, baseada nas características estáveis da paisagem, o que não impede que esta esteja sujeita constantemente a reformulações físicas e simbólicas pelas populações.

As paisagens são trabalhadas, transformadas e contestadas pelas pessoas de acordo com circunstâncias individuais, sociais e políticas, característica que consagra o caráter dinâmico da paisagem, sua construção, reconstrução e percepção pela sociedade como processo, em contínua retroalimentação. As paisagens não podem ser tomadas como produto, registro, mas sim processo, um registro em constante transformação, sendo, além de dinâmicas, multivocais, congregando diferentes sujeitos neste processo de transformação física e de percepção (Bender 2002). Por este motivo a paisagem serve como meio para análise de identidades sociais, e é neste sentido que a mesma pode ser mobilizada como um modo de representação de uma (ou múltiplas) identidade(s).

Um caso interessante de vinculação da paisagem à identidade na esfera patrimonial refere-se à Convenção Européia da Paisagem. De acordo com a Convenção, a paisagem contribui para a “formação de culturas locais, e representa um componente fundamental do patrimônio cultural e natural europeu, contribuindo para o bem-estar humano e para a consolidação da identidade europeia” (Conselho da Europa 2000). O discurso vincula a paisagem à noção formação de culturas locais e, ao mesmo tempo, à formação de uma “identidade europeia” coesa e integrada, como legitimação de sua preservação, e como elemento unificador. Esta preocupação com a paisagem se justificaria, segundo o documento, diante das transformações da produção agrícola, florestal, industrial, e mineira, e das técnicas de ordenamento do território, dos transportes e do turismo, que acarretariam transformações na paisagem e ameaça à sua manutenção e, portanto, à identidade europeia como um todo.

Outra experiência de atribuição de valor patrimonial à paisagem, e que teria influência na política patrimonial brasileira, é a inclusão da tipologia de Paisagem Cultural na Lista do Patrimônio Mundial pelo Centro do Patrimônio Mundial da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), em 1992. A Paisagem Cultural é definida como propriedades que representam o trabalho combinado da natureza e dos indivíduos. São ilustrativas da trajetória histórica da sociedade humana e seus assentamentos ao longo do tempo, sob a influência de contingências físicas e/ou oportunidades apresentadas pelo

ambiente natural e das sucessivas forças sociais, econômicas e culturais (UNESCO2009). São apontadas pela UNESCO como parte da memória coletiva da humanidade.

Sua tipologia é definida a partir das características de configuração, ocupação e uso da paisagem, e envolve desde paisagens criadas intencionalmente (como jardins e parques) (Paisagem Claramente Definida), até paisagens sem evidência material da presença humana, porém com importantes valores simbólicos atribuídos aos elementos naturais (Paisagem Cultural Associativa). A maioria das 88 Paisagens Culturais³³ que atualmente figuram na Lista do Patrimônio Mundial enquadra-se na tipologia de Paisagem Evoluída Organicamente, que detêm um ativo papel na sociedade contemporânea, profundamente associada com formas de vida tradicionais, e nas quais processos evolutivos ainda estão em desenvolvimento, ao mesmo tempo em que exibe significativa evidência material de sua evolução através do tempo, fato que parece indicar o caráter dinâmico da paisagem em uma perspectiva patrimonial.

Este entendimento de uma interação entre sociedade e meio ambiente ainda em transformação seria a concepção de Paisagem Cultural adotada no Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 2009, a partir da tipologia de bem patrimonial Paisagem Cultural Brasileira.

PATRIMÔNIO E PAISAGEM NO BRASIL: EM BUSCA DE NOVAS NARRATIVAS IDENTITÁRIAS?

A noção de paisagem associada ao patrimônio brasileiro surge já no anteprojeto de Mário de Andrade para a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN, atual IPHAN), elaborado em 1936, cujo entendimento de patrimônio vinculava-se à ideia de arte como fruto do trabalho humano (Ribeiro 2007). Das 08 categorias de arte propostas, apresentavam relação com a paisagem as categoriais “arte arqueológica e ameríndia”, na qual poderiam ser incluídas, sob o entendimento de paisagem, determinados lugares da natureza, cuja expansão florística, hidrográfica ou outra, “foi determinada definitivamente pela indústria humana dos brasis, como cidades lacustres, canais, aldeamentos, caminhos, grutas trabalhadas etc”, ou ainda na “arte popular”, que incluía “lugares agenciados [...] pela indústria popular, como vilejos [sic] lacustres vivos da Amazônia [...]” (Andrade 1980:57). Segundo Ribeiro (2007), Mário de Andrade concebe, assim, a paisagem como fruto de um trabalho coletivo ao longo do tempo, como construto da arte popular, e daí derivaria seu valor

³³ A relação completa de Paisagens Culturais Mundiais encontra-se disponível na página eletrônica da UNESCO, disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/culturallandscape/>> Acesso em: 05 out. 2015.

patrimonial e a preocupação com sua preservação. Apesar do projeto não ter sido contemplado integralmente no decreto lei 25, de 1937, que cria o então Sphan e determina o que se compreende como patrimônio histórico e artístico nacional, a noção de paisagem viria a integrar a denominação de um dos 04 Livros do Tombo: o Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico.

A paisagem viria a ser adotada como categoria independente a partir da Portaria 127, de 30 de abril de 2009, definida como uma

[...] porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores. (Brasil 2009:17).

Entre os motivos a justificar a criação da chancela de Paisagem Cultural Brasileira como instrumento de preservação patrimonial figura a preocupação com a globalização e a massificação das paisagens urbanas e rurais, que ameaçariam contextos sociais e culturais e tradições locais em escala planetária (Iphan 2011). A finalidade da chancela seria atender ao interesse público por determinado território que faz parte da identidade cultural do Brasil. A chancela valoriza ainda, de acordo com sua Portaria, a relação harmônica com a natureza, estimulando a dimensão afetiva com o território e tendo como premissa a qualidade de vida da população (Brasil 2009:17). Até o momento, apenas uma Paisagem Cultural Brasileira foi reconhecida a partir deste entendimento, e envolve os núcleos rurais de Testo Alto e Rio da Luz (respectivamente nos municípios de Pomerode e Jaraguá do Sul), no Estado de Santa Catarina.

A Paisagem Cultural envolve dois núcleos que seriam representativos do processo de imigração em Santa Catarina, e abrange uma área caracterizada por minifúndios e edificações – de função residencial, religiosa, comercial, recreativa e educacional – ao longo de estradas rurais, que configurariam um tipo de urbanismo disperso e linear que caracteriza a ocupação espacial das regiões de imigrantes no sul do Brasil (Iphan 2007:56). A área envolve ranchos, casas em técnica enxaimel³⁴ (Fig. N^o1), com pomares e hortas, igrejas, salões de baile e clubes

³⁴ A técnica construtiva enxaimel (ou *Fachwerbau*, isto é, da construção em prateleiras) envolve uma estrutura de madeira, cujos encaixes formam a estrutura que garante a estabilidade das paredes, e que são preenchidas com materiais como taipas, pedras ou tijolos. Segundo Weimer (1994), a técnica do enxaimel consistia em transformar paredes maciças (que caracterizaram a arquitetura alemã com paredes maciças de madeira formadas por troncos retos sobrepostos horizontalmente) em um tramado vazado de madeira, diante da escassez de madeira para construção das casas em função de sua utilização nas atividades fabris com a Revolução Industrial. Como os encaixes de madeira não eram rígidos, foi necessário utilizar escoras transversais para garantir a estabilidade das paredes. Desta forma, foi concebida uma estrutura cheia de vazios (ou prateleiras) que eram preenchidos com outros materiais, como o uso de tijolos.

de tiro, pequenas plantações e criação de animais domésticos (Fig. Nº2), e de modo geral são destacadas os valores culturais como a língua, os hábitos envolvendo a decoração e arquitetura das casas, ou o uso de carroças, entre outros.

Esta área integra um projeto maior de valorização patrimonial de referências culturais da imigração de alemães, italianos e poloneses (entre outros grupos) denominado Roteiros Nacionais da Imigração, desenvolvido no Estado de Santa Catarina (SC), que têm como objetivos principais estabelecer ações e projetos comuns visando: garantir a preservação do patrimônio cultural resultante do processo de imigração no Estado; estimular a geração de renda e a fixação dos produtores rurais nas propriedades por meio de atividades ligadas à agricultura familiar e ao turismo cultural; promover parcerias institucionais para a qualificação da educação por meio de sua relação com a cultura; e interagir com os planos de governança local e regional. A área reconhecida em 2011 como Paisagem Cultural Brasileira já havia entrado em processo de tombamento³⁵ em 2007, vindo a constar no Livro do Tombo Histórico e no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico em 2015.

Testo Alto (localizada no Vale do Rio do Testo) e Rio da Luz (localizada no Vale do Rio da Luz) são localidades contíguas, separadas pela Serra de Jaraguá. O Rio do Testo é um dos afluentes da bacia do Rio Itajaí-Açú, a partir do qual se iniciou a imigração alemã no Vale do Itajaí com a implantação da Colônia Blumenau. Da mesma forma se processou com o Rio da Luz, afluente do Rio Jaraguá, e que faz parte da bacia de Itapocu, que viria a propiciar a instalação futuramente da cidade de Joinville. Além dos aspectos naturais passíveis de observação do alto da Serra, que possibilita visão dos dois núcleos rurais, é destacado no Dossiê de Tombamento dos Roteiros Nacionais da Imigração (Iphan 2007), o acervo arquitetônico referente à imigração no Brasil. Os valores rurais são salientados, com a plantação de milho, mandioca, arroz, feijão, e pastagem para gado leiteiro, e ainda a presença de cemitério antigo com referência a nomes dos primeiros imigrantes.

Ainda de acordo o documento, é ressaltado que,

[...] de norte a sul de Santa Catarina, as regiões onde foram implantadas as colônias de imigrantes podem ser identificadas pela composição da paisagem, especialmente nas áreas rurais: pequenas propriedades distribuídas por estradas de terra que acompanham o curso dos rios, com elementos naturais (vales,

³⁵ O tombamento constitui-se em uma forma de acautelamento de bens materiais que visa garantir sua integridade física. Os bens tombados ficam sujeitos a uma série de normas que orientam sua transformação, de modo a garantir sua preservação a partir dos critérios definidos pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). No Brasil, de acordo com sua natureza, os bens podem figurar em quatro Livros do Tombo: Belas Artes, Artes Aplicadas, Histórico, e Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico. Maiores informações podem ser obtidas na página eletrônica do IPHAN, disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276>> Acesso em: 20 ago. 2015.

córregos, montanhas, matas), estabelecendo uma estreita relação com as intervenções humanas (conjuntos de casas e ranchos, hortas, jardins, plantações e criação de animais), caracterizando as paisagens culturais da imigração (Iphan 2007:56).

No que se refere especificamente à área certificada como Paisagem Cultural Brasileira, solicitava-se o tombamento e a certificação por entender que a preservação “é fundamental para o registro da história da imigração no Brasil e para a manutenção e valorização da memória e da cultura local” (Iphan 2007:69). Vincula-se, assim, a noção da memória e cultura local integrada ao discurso nacional. A preocupação com a preservação desta paisagem advém do crescimento urbano – em específico no caso de Jaraguá do Sul, cidade essencialmente industrial que, em seu processo de expansão, afetaria diretamente as áreas rurais mais próximas ao perímetro urbano, transformando a ocupação do território e, conseqüentemente, a paisagem (Iphan 2007:69).

A ruralidade, ou modo de vida rural, aliado à identidade imigrante a partir dos tipos de cultivo, distribuição e ocupação dos lotes, e ainda muito fortemente a arquitetura em técnica construtiva enxaimel, parecem ser os principais valores exaltados no discurso patrimonial, integrando uma “cultura” ou “memória colonial” à perspectiva nacional. Se considerarmos os bens tombados como Conjunto Rural desde a criação do IPHAN até 2015³⁶ (28 sítios tombados e 04 com tombamento homologado), pode-se perceber que, de modo geral, tais bens vinculam-se predominantemente a engenhos (podendo envolver áreas adjacentes como casas e capelas, entre outras instalações), ou fazendas, e ainda há algumas casas particulares como a Casa de Gilberto Freire ou Vivenda Santo Antônio de Apipucos (Recife/PE); Chácara do Visconde, ou Casa de Monteiro Lobato (Taubaté/SP); e Casa e Chácara do Barão de Monjardim (Vitória/ES).

Ainda de acordo com a pesquisa realizada, dos 32 bens tombados ou em processo de tombamento (considerados os 28 tombamentos e 04 tombamentos homologados), apenas 08 figuram no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico: a casa e chácara de Gilberto Freire; três fazendas - Santa Eufrásia (em Vassouras/RJ), Fazenda do Pinhal (São Carlos/SP), e Sítio da antiga Fazenda de Santo Inácio dos Campos Novos (Cabo Frio/RJ); e quatro bens culturais tomados enquanto conjunto, sendo dois vinculados à imigração japonesa – bens culturais da imigração japonesa no Vale do Ribeira (engenho, sede social e

³⁶ Pesquisa realizada com base na Lista de Bens Tombados e Processos em Andamento (1938-2015), elaborado pelo IPHAN e disponível na página eletrônica da instituição, em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Lista_Bens_Tombados_pelo_Iphan_%202015.pdf> Acesso em: 25 jul. 2015.

residência Colônia Katsura em Iguapé/SP); e Fábrica de Chá e Residência Shimizu em Registro/SP); e outros dois à imigração alemã – Testo Alto e Rio da Luz (Pomerode e Jaraguá do Sul); e Sítio Tribess (Pomerode). Estes 04 conjuntos rurais vinculados à imigração são tombamentos mais recentes que os demais: àqueles vinculados às referências culturais alemãs têm tombamento homologado já em 2007, e os vinculados às referências culturais japonesas foram tombados em 2013.

Recentemente, ações relacionadas às referências culturais intangíveis estão sendo desenvolvidas principalmente em Pomerode, dentro do projeto dos Roteiros Nacionais da Imigração, visando contemplar, para além da materialidade da paisagem, outros elementos que simbolicamente a caracterizam. Neste sentido, alguns elementos da gastronomia foram selecionados por meio da realização de reuniões, oficinas e levantamentos junto a produtores rurais de Testo Alto e outras localidades do município de Pomerode, como o pão de cará, a torta de aipim, a gengibirra ou cerveja de gengibre (*ingwerbier* ou *spritzbier*), e o queijo *Kochkäse* (queijo produzido com leite cru), para o desenvolvimento de um projeto de valorização da produção tradicional relacionada com a paisagem cultural da imigração em Santa Catarina.

Retomando-se a tipologia de Paisagem Cultural Brasileira, outros estudos estão sendo desenvolvidos relacionados ao contexto de vida naval, e integram um projeto desenvolvido desde 2008, intitulado “Projeto Barcos do Brasil”³⁷, que tem como foco “o estudo, a preservação e a valorização dos principais contextos do patrimônio naval brasileiro” (Iphan 2011:05). Um dos estudos é Elesbão (AP), uma vila assentada em palafitas, às margens do Rio Amazonas, no município de Santana, região metropolitana de Macapá. O núcleo é composto, basicamente, por edificações térreas de madeira construídas sobre palafitas e ligadas entre si por passarelas de madeira. De acordo com o IPHAN (2011), esta tipologia, muito comum em diversos pontos da Amazônia, é um dos melhores exemplos representativos da adaptação dos agrupamentos humanos locais às condições naturais da região, especialmente ao regime dos rios e do acesso aos recursos naturais (sejam terrestres ou fluviais). Além do elemento construtivo, Elesbão relaciona-se ainda à paisagem pela carpintaria naval, com alta concentração de estaleiros navais tradicionais, cuja produção de barcos de madeira para

³⁷ Entre outras ações que integram este projeto, consta o tombamento de embarcações tradicionais. O primeiro tombamento de embarcações foi realizado em 2010. Atualmente, quatro embarcações foram tombadas: Luzitânia – canoa de tolda utilizada na região do baixo rio São Francisco, em Sergipe; Dinamar – canoa costeira que navega na Baía de São Marcos, no Maranhão; Sombra da Lua – saveiro de vela de içar, do Recôncavo Baiano; Tradição – canoa pranchão utilizada nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Informações disponíveis em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/413/>> Acesso em: 20 ago. 2015.

transporte de cargas e passageiros representa parcela significativa das embarcações construídas e em atividade na foz do Rio Amazonas.

Além de Elesbão, outro estudo em desenvolvimento refere-se à Foz do Rio São Francisco, especificamente nos municípios de Brejo Grande e Pacatuba, no Estado de Sergipe, e Piaçabuçu, no Estado de Alagoas, com análise da interação entre as populações e o rio São Francisco. Considerado o Rio da Integração Nacional, o rio São Francisco percorre 05 Estados brasileiros: Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas, com uma extensão de 2.700 quilômetros. Nestas três cidades, um estudo foi realizado buscando compreender a relação de interação das populações com o rio, e os vínculos afetivos e identitários estabelecidos a partir desta relação. Foram levantadas assim as atividades de carpintaria naval e pesca, e sua relação com o contexto das relações entre as gerações nos modos de saber-fazer, a produção agrícola desenvolvida, as atividades de lazer, como corridas de canoas, bem como os efeitos da instalação de hidrelétricas no volume de vazão do rio e como os mesmos afetam as populações em suas dinâmicas produtivas (seja por meio da pesca, seja inclusive na agricultura) e de vida, como a submersão de um povoado (Cabeço, em Brejo Grande) pelo avanço das águas do mar diante da diminuição da vazão do rio São Francisco e a mudança da população para outros povoados (Iphan, Memória Arquitetura, 2014).

Outro elemento interessante de análise do que/quem está por trás essa noção de paisagem cultural em um viés patrimonial (quais são os sujeitos ou grupos contemplados e representados neste entendimento) é a Carta de Bagé ou Carta das Paisagens Culturais, documento elaborado durante a Jornada “Paisagens Culturais: novos conceitos, novos desafios”, dentro do Seminário Semana do Patrimônio – Cultura e Memória na Fronteira, na cidade de Bagé (RS). A jornada tinha como objetivo principal a “defesa das paisagens culturais em geral e, mais especificamente, do território dos Pampas e das paisagens culturais de fronteira” (Iphan *et. al.*, 2007:01).

A justificativa para a realização da jornada e, especificamente, para a defesa das paisagens culturais do Pampa e das áreas de fronteira manifesta-se como uma preocupação com novas formas de uso predatório dos Pampas, que ameaçariam a proteção dos mananciais do Aquífero Guarani, bem como a biodiversidade de áreas deste bioma a partir de algumas propostas de florestamento, e sua identidade cultural. No que se refere à preocupação relativa às áreas de fronteira, destaca-se no documento manifestações culturais similares em ambos os lados da linha de fronteira, que deveria ser entendida a partir desta perspectiva como ponto de união, e não de separação de povos vizinhos por meio de suas paisagens análogas (Iphan *et. al.*, 2007).

A recorrência à noção de paisagem para caracterizar e incluir tais sujeitos e suas referências culturais a partir da tipologia de Paisagem Cultural parece relacionar-se com a noção de paisagem como arte proposta do Mário de Andrade, a partir de um viés da cultura popular, distanciando-se de valores consolidados baseados predominantemente na arquitetura e nas características construtivas de edificações, mas ainda aproximando - a partir da noção de continuidade e uso das paisagens na interação entre sociedade e meio ambiente, e das vinculações afetivas com a mesma - o patrimônio material e intangível, concebidos, em geral, de modo dissociado nas práticas e instrumentos de preservação patrimonial.

Seja a partir de paisagens fronteiriças e a consideração da influência de países vizinhos na composição de uma identidade nacional que se processou em função e apesar da linha de fronteira política e dos marcos limítrofes (além das fronteiras simbólicas que a ultrapassam); seja a partir de paisagens relacionadas à imigração, que consolidam a contribuição de diferentes grupos na composição da unidade na diversidade cultural e voltam os olhos às referências culturais de um Brasil rural; seja a partir de paisagens navais e o reconhecimento do patrimônio intangível das comunidades ribeirinhas e de sua relação econômico-afetiva com os rios, a noção de Paisagem Cultural parece conduzir (ainda que em caráter recente e ainda em construção) à valorização de novos referentes patrimoniais a materializar e representar a construção discursiva de uma nação brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do cerne conceitual baseado na relação entre sociedade e meio ambiente, a partir das formas, a paisagem insere-se no contexto patrimonial nacional a partir de novos referentes patrimoniais ou, mais especificamente, de uma ativação patrimonial de determinados referentes ainda pouco contemplados na narrativa patrimonial nacional. Valores vinculados à ruralidade ou ao contexto naval parecem fornecer uma abertura para a inserção de novos sujeitos e novas referências culturais na concepção de patrimônio cultural brasileiro.

Ao analisarmos a experiência da UNESCO sobre a inclusão da Paisagem Cultural na Lista do Patrimônio Mundial, pode-se notar uma relativa abertura a países subrepresentados dentro da representação de um patrimônio mundial, ou patrimônio da humanidade, e que vieram a ser incluídos a partir desta tipologia, como Andorra, Gabão, Nigéria, Papua Nova Guiné, Togo e Vanuatu, além de países que apenas figuravam na Lista a partir de patrimônios classificados como naturais, como Islândia, Madagascar e Nova Zelândia (Costa; Serres 2014). Entretanto, note-se que se trata de uma abertura ainda relativa, visto que a maioria das Paisagens Culturais Mundiais estão concentradas na Europa, como outros bens que figuram na Lista do

Patrimônio Mundial. Além disso, a diversidade tipológica das manifestações culturais que caracterizam as Paisagens Culturais Mundiais levam tanto a potencialidades de uso quanto a desafios, uma vez que, apesar de tal diversidade, a maioria das paisagens vinculam-se à áreas com baixo grau de urbanização, de caráter predominantemente rural, vinculados à questão do uso tradicional do solo, de certo modo desconsiderando cidades maiores e mais urbanizadas, com exceção da cidade do Rio de Janeiro, que foi incluída na Lista do Patrimônio Mundial como paisagem cultural em 2012, intitulada "Rio de Janeiro: Paisagens cariocas entre a Montanha e o Mar", que contempla áreas como Parque Nacional da Tijuca, jardim botânico, entrada da baía de Guanabara e o passeio público, os fortes de Niterói e do Rio de Janeiro, além do Pão de Açúcar e da praia de Copacabana.

Novas sítios reconhecidos como Paisagem Cultural Brasileira poderão indicar, futuramente, qual a compreensão que está sendo dada a esta tipologia e como os sujeitos (componentes indissociáveis da noção de paisagem de modo geral), estarão sendo contemplados nas políticas nacionais de preservação patrimonial.

Referencias Citadas

Andrade, M.

1980 Anteprojeto de lei criando o Serviço do Patrimônio Artístico Nacional. En Sphan/Pró-Memória. *Proteção e revitalização do patrimônio cultural no Brasil: uma trajetória*. (pp. 55-69).

Brasília: Sphan/Pró-Memória. Disponível em:

<[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Protecao_revitalizacao_patrimonio_cultural\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Protecao_revitalizacao_patrimonio_cultural(1).pdf)> Acesso em: 12 jul. 2015.

Brasil

2009 Portaria Nº 127, de 30 de abril de 2009. *Diário Oficial da União: Seção 01 – nº 83. 05 mai. 2009, p. 17* – Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=1070>> Acesso em: 25 set. 2009.

Bender, B.

2002 Time and Landscape. *Current Anthropology*. v. 43, nº 04. pp. 103-112.

Berque, A. (1998) Paisagem-Marca e Paisagem-Matriz: Elementos da Problemática para uma Geografia Cultural. En Corrêa, R. L; Rosendahl, Z. (org.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. (pp. 84-91). Rio de Janeiro: EdUERJ.

Candau, J.

2012 *Memória e Identidade*. Tradução Maria Letícia Ferreira. – 1 ed., 1ª reimp. – São Paulo: Contexto.

Castro, I. E.

2002. Paisagem e Turismo. De Estética, nostalgia e política. En Yágizi, E. (org.). *Turismo e Paisagem*. (pp. 121-140) - São Paulo: Contexto.

Chuva, M.

2009 *Os arquitetos da memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

2012 Preservação do Patrimônio Cultural no Brasil: uma perspectiva histórica, ética e política. En Chuva, M. (org.). *Patrimônio Cultural: políticas e perspectivas de preservação no Brasil*. (pp. 67-78). Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ.

Conselho da Europa.

2000 *Convenção Europeia da Paisagem*. Disponível em <<http://www.coe.int/t/dg4/cultureheritage/heritage/landscape/versionsconvention/portuguese.pdf>> Acesso em: 27 jul. 2014.

Costa, L.; Serres, J.

2014 Paisagem Cultural: novas leituras do patrimônio cultural? En *3º Colóquio Ibero-Americano de Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto: desafios e perspectivas. Anais...* Belo Horizonte: UFMG. Cd Rom.

Eckert, C.

2009 As variações “paisageiras” na cidade e os jogos de memória. En Silveira, F.; Cancela, C. D. (orgs). *Paisagem e Cultura: dinâmica do patrimônio e da memória na atualidade*. (pp. 87-97) – Belém: EDUFPA.

Font, J. N.

2010. El retorno al paisaje. *Enrahonar: quaderns de filosofia*.nº 45 – Estètica de la Natura. (pp. 123-136). Disponível em: <<http://www.raco.cat/index.php/Enrahonar/article/view/210161>> Acesso em: 22 jan. 2013.

Hall, S.

2006 *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Tradução Tadeu Tomaz da Silva, e Guaracira Lopes Louro. – 11ª ed. – Rio de Janeiro: DP&A.

IPHAN.

2007 *Dossiê de Tombamento dos Roteiros Nacionais de Imigração*.v. 02. 11ª Superintendência Regional do IPHAN/Santa Catarina.

2011 *Reflexões sobre a chancela de Paisagem Cultural Brasileira*. Brasília: Iphan. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=1757>> Acesso em: 25 jun. 2011.

IPHAN; UFPEL; Prefeitura Municipal de Bagé.

2007 *Carta de Bagé ou Carta da Paisagem Cultural*. Disponível em <http://www.icomos.org.br/cartas/Carta_de_Bage_PaisagemCultural.pdf> Acesso em: 03 nov. 2009.

IPHAN; Memória Arquitetura.

2014 *Levantamento de subsídios técnicos para a elaboração de Dossiê com vistas ao estabelecimento da chancela de Paisagem Cultural Brasileira - Foz do Rio São Francisco*. v. 2. Brasília, DF: IPHAN.

Luchiari, M. T. D.

2001 A (Re)Significação da Paisagem no Período Contemporâneo. En Rosendahl, Z.; Corrêa, R. L.(org.). *Paisagem, Imaginário e Espaço*. (pp. 09-28) – Rio de Janeiro: EdUERJ.

Meneses, U. B.

2002 A Paisagem como Fato Cultural. En Yágizi, E. (org.). *Paisagem e Turismo*. (pp. 29-64)– São Paulo: Contexto.

Prats, L.

1998 El concepto de patrimonio cultural. *Política y Sociedad* nº 27. - Madrid. (pp. 63-76).

Disponível em:

<<http://www.antropologiasocial.org/contenidos/publicaciones/otautores/prats%20el%20concepto%20de%20patrimonio%20cultural.pdf>>Acesso em: 06 set. 2014.

Poulot, D.

2008 Um Ecosistema do Patrimônio. En Carvalho, C. S. et. al. (orgs). *Um Olhar Contemporâneo sobre a Preservação do Patrimônio Cultural Material*.(pp. 26-43). Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional.

2009 *Uma História do Patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI: do monumento aos valores*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. – São Paulo: Estação Liberdade.

Salgueiro, M. T.

2001 Paisagem e Geografia. *Finisterra: revista portuguesa de geografia*. Lisboa, v. 36, n. 72. (pp.

37-53). Disponível em: <<http://www.ceg.ul.pt/finisterra/>> Acesso em: 22. nov. 2009.

Santos, M.

2002 O Espaço Geográfico, um Híbrido. En Santos, M. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Schama, S.

1996 *Paisagem e Memória*. Tradução Hildegard Feist. – São Paulo: Companhia das Letras.

Silveira, F.

2009 A Paisagem como Fenômeno Complexo: reflexões sobre um tema interdisciplinar. En Silveira, F.; Cancela, C. D. (org.) *Paisagem e Cultura: dinâmica do patrimônio e da memória na atualidade*. (pp. 71-83)– Belém: EDUFPA.

Ribeiro, R. W.

2007 *Paisagem Cultural e Patrimônio*. – Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC.

Tilley, C. (2006) Identity, Place, Landscape and Heritage. *Journal of Material Culture*. v. 11 (1-2). jul. 2006. (pp. 07-32). Disponível em: <<http://mcu.sagepub.com/content/11/1-2.toc>> Acesso em: 15 jun. 2015.

UNESCO.

2009 *World Heritage Papers n^o 26: World Heritage Cultural Landscapes, a Handbook for Conservation and Management*. França: UNESCO. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/series/26/>> Acesso em: 05 out. 2013.

Weimer, G.

1994 *Arquitetura Enxaimel em Santa Catarina*. Porto Alegre: L & PM.